



**FAYDA
BELO**

**JUSTIÇA
PARA TODAS**

**O que toda
mulher deve
saber para
garantir
seus direitos**

**FAYDA
BELO**

**JUSTIÇA
PARA TODAS**

**O que toda
mulher deve
saber para
garantir
seus direitos**

Copyright © Fayda Belo, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ana Paula Valerio
Revisão: Clarissa Melo e Algo Novo Editorial
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto | Foresti design
Ilustrações de miolo: Bia Lombardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Belo, Fayda
Justiça para todas / Fayda Belo. - São Paulo: Planeta do
Brasil, 2023.
176 p.

ISBN 978-85-422-2288-3

1. Violência contra as mulheres I. Título

23-3335

CDD 362.83

Índice para catálogo sistemático:
1. Violência contra as mulheres

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

RECHRO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário



INTRODUÇÃO

9

PARTE 1

A violência contra a mulher na história brasileira 11

Capítulo 1

Por que a maioria das mulheres não consegue identificar que foi vítima de um crime? 13

Capítulo 2

Como o Estado brasileiro contribuiu para a desigualdade e a violência contra a mulher 23

PARTE 2

Crimes dos quais as mulheres são frequentemente vítimas	37
---	----

Capítulo 3

Crimes contra a honra e contra a liberdade pessoal	41
--	----

Capítulo 4

Crimes sexuais	61
----------------	----

Capítulo 5

Crimes contra o patrimônio	87
----------------------------	----

Capítulo 6

Crimes contra a saúde, a vida e a integridade física	101
--	-----

Capítulo 7

Outros crimes	117
---------------	-----

PARTE 3

A importância da denúncia e como fazê-la 137

Capítulo 8

A importância da denúncia 139

Capítulo 9

Ele foi condenado, e agora? 155

Redes de apoio ao enfrentamento da
violência contra a mulher 159



Referências

Planeta

167

PARTE 1

A violência contra a mulher na história brasileira



Planeta

CAPÍTULO 1

Por que a maioria das mulheres não consegue identificar que foi vítima de um crime?



Para que possamos entender como ainda hoje muitas mulheres não conseguem diferenciar o que é normal do que é crime dentro de uma relação de afeto, familiar ou profissional, é necessário fazer uma busca histórica, de forma sintetizada, para compreender o que gerou a normalização da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Assim, o primeiro ponto a ser analisado é o patriarcado, já que, como sabemos, a sociedade como um todo (na maioria dos países) foi fundada sob o sistema patriarcal, estruturada com base na dominação masculina, que se institucionalizou, disseminou e se mantém até os dias atuais, conforme afirma bell hooks em *O feminismo é para todo mundo*.¹

No sistema patriarcal, o homem é tido como o líder, o cabeça, a peça central de toda estrutura social, seja no campo cultural, familiar, político ou econômico, pois, nele, a mulher tem limitações em virtude da maternidade e da amamentação e, deste modo, não dispõe da mesma capacidade física e intelectual que os homens. Ou seja, devido à sua “natureza”, a inteligência feminina alcançaria apenas temas relacionados à maternidade e aos cuidados domésticos, restando a ela o papel de cuidar dos filhos, da casa e do marido, necessitando assim de um elo mais forte para prover o lar e para a tomada de decisões: o homem.

E assim surgiram as sociedades agasalhadas no poder do homem-chefe de família. Até mesmo a sexualidade da mulher foi submetida aos interesses masculinos, já que, nesse modelo, a mulher é percebida como

¹ hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo*: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

uma propriedade e como maneira de fazer o homem se perpetuar por meio de descendentes. O lugar da mulher fica limitado ao mundo doméstico e de submissão, com suas funções dirigidas prioritariamente para a reprodução, sem que ela possa ter opinião ou vontade, devendo apenas ouvir, acatar e obedecer ao patriarca.

Mirla Cisne e Silvana Santos, em seu livro *Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social*, destacam: “Todas as formas de violência contra a mulher, como a ocorrida em relações interpessoais ou em relações sociais coletivas, encontram uma determinação comum: o patriarcado”.²

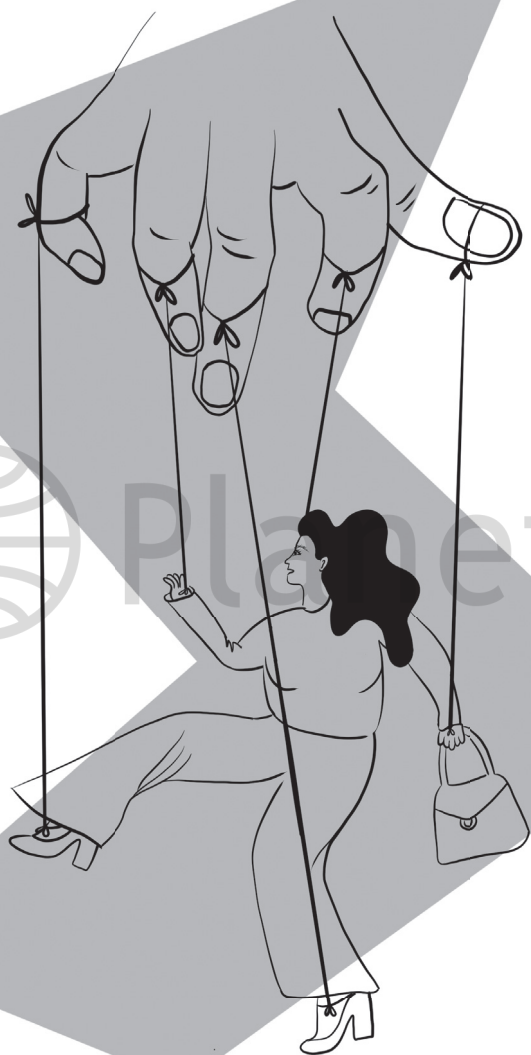
Como consequência do patriarcado que estruturou nossas relações sociais, nasceu o sexismo e o machismo.

O sexismo consiste na ideia de que há um lugar específico para cada gênero, colocando limites sobre o que cada um pode ou não fazer, como se vestir, a maneira de se relacionar, o papel doméstico ou as profissões que pode exercer. É uma discriminação que coloca o sexo masculino como superior ao feminino e tenta ditar o que a mulher pode ou não fazer dentro do seio social e nas relações familiares. O sexismo é, sem sombra de dúvida, o que sustenta a desigualdade de gênero.

² CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. *Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2018.



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Todavia, merece nota que o sexismo não é prerrogativa exclusiva masculina. Em decorrência da educação recebida, muitas mulheres desenvolvem e reproduzem comportamentos e falas sexistas sem sequer perceberem, já que foram ensinadas que esse comportamento é o correto. Conforme bell hooks nos lembra, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens; para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal.

Como resultado do patriarcado e do sexismo, veio então o machismo, com a ideia de que, para um homem ser considerado “de verdade”, além de cumprir padrões de virilidade, precisa ser o provedor da família, se mostrar forte e provar, social e economicamente, que é superior à mulher, para que sua masculinidade não seja colocada em xeque pela sociedade, além de manter a mulher em posição de subalternidade e submissão, alimentando a ideia de que mulheres e homens não podem ser ou fazer as mesmas coisas.

Aqui podemos começar a entender os absurdos e elevados casos de violência contra a mulher, pois, em virtude do sexismo e do machismo, caso a mulher não se comporte como quer o homem, e resista a se



submeter às suas vontades, ele se acha no direito de usar a força para demonstrar sua superioridade em relação a ela.

Mas como o patriarcado, o sexismo e o machismo são refletidos na sociedade brasileira?

Como é sabido, o Brasil foi colonizado pelos portugueses, que trouxeram para cá, além de sua cultura, seu modelo de família, religião e convivência social, a escravização. O modelo cultural, social e familiar veio pronto da Europa, mais precisamente de Portugal, no século XVI, período em que a igreja católica, nos moldes medievais, buscava a expansão do cristianismo em outros territórios.

Ao analisar o papel do homem e da mulher na sociedade brasileira, não podemos perder de vista o modelo patriarcal, branco, heterossexual e cristão.

Seguindo esse raciocínio, na construção da sociedade brasileira, o patriarcado instaurado desde a colonização tinha total influência do cristianismo, religião que estabeleceu os padrões de família e de função de cada pessoa integrante do seio familiar.

A igreja sempre reforçou a ideia de que as mulheres deveriam ser submissas e obedientes, se sujeitando ao controle dos pais e dos maridos. Esse discurso foi absorvido facilmente pelos homens e, aliado à ideia de que

as mulheres deveriam obrigatoriamente gerar filhos, foi sacramentado que eles deveriam ser os provedores e, por sua vez, elas deveriam cuidar da casa, reproduzir, cuidar dos filhos e servir sexualmente aos maridos quando solicitadas.

Uma vez que eram vistas como inferiores intelectual, social e culturalmente, foi disseminada, perpetuada e normalizada a crença de que as mulheres deviam obediência aos homens. Caso se rebelassem ou agissem de maneira considerada inadequada, eles deveriam corrigi-las como achassem necessário, não cabendo ao Estado, à igreja ou a qualquer pessoa interferir.

Decorrente do machismo, criou-se também a cultura do estupro, que, em resumo, é a normalização pela sociedade da violação do corpo das mulheres pelos homens e a culpabilização da vítima pela violência sexual sofrida, exemplificadas por frases clássicas como: “Mas olha a roupa que você estava usando”, “Por que estava rebolando perto dele?”, “Pra que aceitou o convite para jantar se não queria nada além disso?”, transferindo para a mulher toda a culpa pelo crime sofrido. Assim, plantou-se e disseminou-se a noção de que o homem *precisa* de sexo e cabe à mulher não estar nos locais “errados”, vestida de forma “errada” ou se oferecendo para que o instinto animal do homem não aflore



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

e ele se veja obrigado a satisfazer a lascívia. Com isso, ligou-se de maneira totalmente equivocada violência sexual à sexualidade, quando, na verdade, se trata de uma violência brutal que invade um corpo que não deu autorização para tal.

Em resumo, o patriarcado, o sexismo e o machismo vieram com os europeus para o Brasil e construíram os moldes da sociedade atual, recheada de desigualdade e violência de gênero, sendo a principal causa de muitas mulheres não conseguirem identificar os crimes dos quais padecem, graças à normalização da submissão das mulheres aos homens e à ideia de que elas são culpadas de toda ação masculina contra elas.

Essa submissão e subalternidade destinada à mulher foi abraçada não apenas pela igreja, mas também pelo Estado, por meio de legislações que corroboram com o machismo desde o Império, formalizando o entendimento de que a mulher é inferior e deve obediência ao homem, podendo ele, em caso de afronta, agir em defesa de sua “honra”.